

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
ALAIN DELON, A VIRTUDE DO SILÊNCIO
8 de outubro de 2025

LA PISCINE / 1968 *A Piscina*

Um filme de Jacques Deray

Argumento: Jean-Emmanuel Conil, adaptação dialogada de Jacques Deray e Jean-Claude Carrière / *Director de fotografia (35 mm, cor):* Jean-Jacques Tarbès / *Música:* Michel Legrand; as canções “Ask Yourself Why”, cantada por Ruth Price e “Run, Brother, Run”, cantada por Delaney Bramlett / *Montagem:* Paul Cayatte / *Som:* René Longuet / *Interpretação:* Alain Delon (*Jean-Paul*), Romy Schneider (*Marianne*), Maurice Ronet (*Harry*), Jane Birkin (*Pénélope*), Paul Crauchet (*o inspector de polícia*).
Produção: Société Nouvelle de Cinématographie (Paris) e Tritone Films (Roma) / *Cópia:* DCP, versão original com legendagem eletrónica em português / *Duração:* 123 minutos / *Estreia Mundial:* Paris, 31 de Janeiro de 1969 / *Estreia em Portugal:* Lisboa (cinema Tivoli), 14 de Abril de 1969.

Alain Delon é sem dúvida uma das estrelas mais marcantes do cinema europeu da sua geração, a de Brigitte Bardot, Jean-Paul Belmondo, Monica Vitti, Giuliano Gemma, Alan Bates, Peter O'Toole e Romy Schneider, que foi sua parceira na tela e fora da tela. Tinha tudo que é indispensável a uma estrela e mais alguma coisa: grande beleza física, que conseguiu conservar com o passar dos anos; inteligência de actor, que o levou a desenvolver um estilo lacónico e “minimalista”, pois sabia que, para durar, tinha que ser mais do que um rapaz bonito; flexibilidade no trabalho com os realizadores, o que o tornou apto a transmitir dureza e sedução, mas também inocência; uma capacidade de não se estereotipar, raciocinando como um verdadeiro produtor, fazendo papéis variados; uma inegável exigência em relação a grande parte daquilo que fez e a capacidade de tomar alguns riscos, mesmo quando já estava mais do que consagrado. O seu nome esteve associado aos melhores momentos do cinema de um bom artesão como René Clément, mas também a Visconti e Antonioni quando estes estavam no apogeu e à figura singular de Jean-Pierre Melville, com quem fez a memorável trilogia composta por **Le Samouraï**, **Le Cercle Rouge** e **Un Flic**. Delon também teve a curiosidade de fazer uma (nada bem sucedida) incursão a Hollywood e ao fazer grandes produções destinadas ao grande público teve a inteligência de querer contracenar com outros monstros sagrados, alguns da sua geração, outros mais velhos (Belmondo ou Gabin). Entre os riscos que assumiu e que poucas vedetas “grande público” assumiriam estão certos papéis que fez para Zurlini, Losey (**Mr. Klein**) e mesmo para um cineasta bastante diminuto como Bertrand Blier (**Notre Histoire**), sem esquecer a sua aventura com Godard, que foi uma extravagância extrema para o actor e uma perversão não menos extrema para o realizador. Delon incarnou personagens tão diferentes como Jacques Chaban-Delmas e o Barão de Charlus e aventurou-se na realização com alguma destreza, sobretudo no seu primeiro filme, **Pour la Peau d'un Flic**. A esta longa existência cinematográfica, que cobre mais de quarenta anos, vêm juntar-se elementos quase romanescos da sua vida privada, o voluntariado na Guerra da Indochina, o filho que teve com Nico, musa do *underground*, que jamais reconheceu e sobretudo alegadas e talvez reais ligações com meios mafiosos e policiais, além de simpatias públicas por políticos de extrema-direita. Foi durante a filmagem de **La Piscine** que se deu o mais célebre caso que o envolveu, o assassinato, num provável ajuste de contas, do seu ex-guarda-costas jugoslavo. Este *fait divers* acabou ligado a uma ameaça de chantagem a partir de factos inventados, para sujar o nome de Georges Pompidou, que acabara de deixar o cargo de Primeiro-Ministro e era candidato declarado à sucessão do General De Gaulle. O *affaire Markovic* deu muito o que falar em França em 1968-69.

Na tela, Delon é associado a criminosos e policiais, *playboys* e aristocratas, espadachins e homens comuns. Neste percurso tão mais interessante do que a de outros actores da sua geração (a começar por Belmondo), **A Piscina** é um filme importante. Num livro sobre Delon, o crítico italiano Roberto Chiesi dividiu a carreira do actor em três grandes blocos. O primeiro que vai de

1957 a 1966, de **Quand la Femme s'en Mêle** (o seu primeiro papel) a **Les Aventuriers**, ilustra aquilo que Chiesi chama a *melancolia e ambiguidade do anjo negro do cinema europeu*. O segundo, de 1967 a 1978, vai de **Histoires Extraordinaires** a **Attention, les Enfants Regardent** e ilustra a *solidão do lobo*. A partir de 1978, estamos no *actor, personagem e personagem de si mesmo*, quando Delon resolveu assumir sozinho o seu destino cinematográfico, que a partir de então ficou bem menos interessante. **A Piscina**, em cujo argumento trabalhou Jean-Claude Carrière e cujo papel principal tinha sido pensado para Claude Rich (!), data de um período em que Delon passava de Malle a Melville e de Duvivier (em decadência terminal) a Jack Cardiff. Filmado logo a seguir aos “acontecimentos” de Maio de 1968, situado num meio endinheirado próximo do dos romances de Françoise Sagan, **A Piscina** é um filme ao mesmo tempo intemporal (é situado numa mansão cujos habitantes provisórios querem estar longe do mundo) e com a marca absoluta da época em que foi feito, não apenas a nível dos adereços, mas também dos comportamentos, marcados pela revolução sexual dos anos 60, já mais do que vitoriosa. Deray e Carrière não quiseram fazer um filme policial, mas um filme sobre dois pares, duas mulheres e dois homens, cuja relação é alterada por pequenas fendas, pequenos sismos, que levam a um crime não premeditado, realizado num daqueles momentos em que tudo pode mudar num estalar de dedos. Com a excepção da relação entre os personagens de Delon e Birkin (tiveram ou não relações sexuais?), tudo o mais é dito com absoluta clareza ao espectador: vemos o crime, sabemos que não teve verdadeira causa, o policial e a mulher sabem a verdade. A memorável cena do crime reproduz a situação de uma das mais célebres cenas da carreira de Delon, em **Plein Soleil**, quando ele mata o personagem de Maurice Ronet ao não deixá-lo voltar para o barco, ao passo que aqui não o deixa sair da piscina. Por isto, talvez seja pena que os argumentistas de **A Piscina** tenham introduzido o personagem do comissário de polícia, num epílogo que é quase um apêndice, embora a presença deste personagem leve-nos a constatar que o crime foi descoberto, mas ficará impune. Mas apesar da entrada tardia deste personagem, que faz com que o filme seja mais longo do poderia ser, **A Piscina** é construído e realizado com inteligência. Os elementos surgem aos poucos, os sinais se acumulam lentamente, de modo a formar a teia narrativa e sobretudo a teia que liga os quatro personagens. É entre os diálogos anódinos e os olhares não anódinos que as relações se definem e se degradam, nunca através de sequências explicativas. “Nada acontece”, como diziam os primeiros produtores contactados por Deray, que recusaram o projecto, mas é através deste nada que tudo acontece, numa inteligente utilização da linguagem do cinema moderno num filme destinado ao grande público e que foi um triunfo comercial. Em **A Piscina**, filme mais subtil do que parece, a piscina é mais do que um simples cenário de revista de decoração, contrariamente ao que escreveram alguns críticos à época: é um autêntico personagem. O genérico mostra-nos as árvores reflectidas na piscina, como um prenúncio do mundo exterior que vai invadir este mundo fechado. A sequência de abertura, à beira da piscina, mostra-a como um lugar de grandes prazeres, sensuais e sexuais. Os personagens definem-se inclusive pela relação que têm com a piscina: Delon mergulha com naturalidade, Ronet com pesado estrépito, ao passo que Jane Birkin, por ser o personagem mais exterior aos jogos dos outros, nunca entra na piscina. Mais tarde, a piscina será um abismo, um lugar de morte, que terá de ser abandonada, que não poderá mais ser utilizada, devido à lembrança do que ali ocorreu, tornando-se um espaço tabu. Note-se que a história foi filmada em ordem cronológica, o que é muito raro e muito agradou aos actores e que, como diz Deray, “a natureza ajudou”: depois da sequência do crime, do corte definitivo naquelas vidas, o tempo muda, a luz é outonal, já não é a luz das férias e do sol, o que tem um efeito certo. Concebido primeiro enquanto obra de cinema e posteriormente organizado em torno da sua vedeta principal, **A Piscina** nada tem de um *star vehicle*, nem de um objecto de série. É um filme com laivos de abstracção, que passa da luz à sombra, para terminar de forma aberta. Na vasta filmografia de Delon, é um daqueles objectos artesanais de boa qualidade de que ele se pode orgulhar e que reflecte curiosamente a imagem pública que ele passaria a ter daí por diante.

Antonio Rodrigues

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico